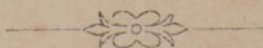


CESAR PORTO

TRAGEDIA
ANTIGA

REPRESENTADA NO THEATRO D. AMELIA
EM 19 DE NOVEMBRO DE 1903



LISBOA
LIVRARIA CENTRAL
DE
Gomes de Carvalho — Editor
158, Rua da Prata, 160

—
1903



As to the name Gen. Fernando Correa

17.

concepcion

o. a. a. a.

TRAGEDIA

ANTIGA

16. 4. 915.

OBRAS DO MESMO AUTOR:

VERSOS (DE MIZALDO).

LADEIRA ACIMA, VERSOS.

O POSSER E O THEATRO ANORMAL, PAMPHLETO.

A GUERRA NÃO FINDARÁ? CONFERENCIA.

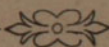
NAUFRAGIOS, ROMANCE.

O IMPOSSIVEL REGRESSO, EPISODIO.

CESAR PORTO

TRAGEDIA ANTIGA

REPRESENTADA NO THEATRO D. AMELIA
EM 19 DE NOVEMBRO DE 1903



LISBOA
LIVRARIA CENTRAL
DE
Gomes de Carvalho — Editor
158, Rua da Prata, 160

—
1903



PERSONAGENS

RICARDO	<i>Christiano</i>
SOPHIA, sua mulher.. ..	<i>Lucilia Simões</i>
AFFONSO, seu pae.....	<i>Augusto Antunes</i>
CHRISTIANO, seu tio, sacerdote	<i>Chaby</i>
MARIANNA, criada.....	<i>Estephania</i>
VIRGINIA, sua filha.....	<i>Laura Pedroso</i>
VICTOR, seu filho.....	* * *



ACTO UNICO

Aposento em casa de Ricardo. — Portas ao fundo e á direita; á esquerda duas janellas e no intervallo uma pequena secretária, perto da qual uma cadeira de braços exotica, com uma mesa de costura em frente; do outro lado sofá, mais longe um bastidor com um tamborete; ao fundo uma étagère coberta de galanduchas extravagantes; ornamentação cosmopolita pelas paredes; vasos com plantas aos cantos e no centro, e quasi a meio, no chão, brinquedos de creança espalhados. — E' uma noite de inverno; ouve-se a chuva, ora bater miudinha nas vidraças, ora cahir torrencial; de vez em quando cessa, e as goteiras gorgolejão então, até o vento soprá-la de novo contra os vidros, — Sobre a secretária ha um candieiro que illumina desigualmente a scena, quasi só o lado onde está.

SCENA I

RICARDO e SOPHIA

(Ricardo, á secretária, acaba de escrever uma carta, que dobra e mette no scbrescripto, onde pega uma estampilha, endereçando-o; Sophia, sentada na cadeira de braços, inclina a cabeça com attenção, sobre um tapete que está fazendo.)

Ricardo — Por hoje, julgo que terminei.

Sophia, *erguendo a face* — Emfim?... .

Ricardo, *fitando-a* — Dizes isso d'um modo tão singular...

Sophia — Singular!?... Não sei porquê.

Ricardo — Parece contrariar-te que eu trabalhe.

Sophia — Que pensamento!

Ricardo — Tens razão, tens. (*Arrumando os papéis esparsos sobre a secretária.*) Estou aqui junto de ti e não te dou attenção...

Sophia — Pois se não podês!...

Ricardo — E' exactamente como se me encontrasse a mil leguas de distancia.

Sophia — Não, isso não é. — A mim, só o que me custa é que trabalhes tanto. Mas quando te vejo ao meu lado, ainda mesmo que não converses, ha uma coisa mysteriosa... como explicarei?... uma especie de felicidade occulta, que não tenho em tu andando longe. Não sentes o mesmo?

Ricardo — Eu sou d'uma natureza mais rude... Depois, a vida de negocios... Em todo o caso,

tambem gosto de estar aqui, bem sabes. Ao pé de ti, a tarefa torna-se sempre mais facil ou mais agradavel. E' muito peor quando, só, tenho de ir pelo vasto mundo.

Sophia — Meu pobre marido!

Ricardo — Se tu me pudesses acompanhar para toda a parte — mais as creanças — então sim, nada haveria que egualasse essa existencia ao ar livre, mas d'este modo, quando parto, falta-me sempre um não sei quê.

Sophia, *depois de pausa* — E comtudo querias deixar-nos outra vez...

Ricardo — Não desconheces o motivo, o principal motivo...

Sophia — Agora porem que o obstaculo está removido...

Ricardo — Hum!

Sophia — Disseste alguma coisa?

Ricardo — Não, nada!

Sophia — Agora, já recusaste a proposta, pois não? e já não vaes, com toda a certeza?

Ricardo — Neste mesmo instante me desliguei do compromisso.

Sophia, *com ligeira censura* — Só hoje!...

Ricardo, *hesitante* — Que queres!? Tenho tido tanta outra coisa que fazer!...

Sophia, *investigando-o com o olhar* — E para isso não achaste um pequeno momento?

Ricardo, *embaraçado* — Não desejava dar uma resposta sêca e brutal.

Sophia, *sorrindo* — Foi por essa razão, unicamente?

Ricardo — Sim... sobretudo... Isto é...

Sophia, *como acima* — Vamos, vamos! confessa antes que não tinhas muita coragem de responder que não.

Ricardo, *sorrindo tambem* — Nada te escapa. Talvez assim fôsse. O negocio parecia tão bom!...

Sophia, *com malicia* — E tu és tão aventureiro!...

Ricardo, *despeitado um pouco* — Exagêro!

Sophia — Eu não exagero nunca. Tu não me chamas ás vezes o espirito de verdade? (*Sorri de novo, enigmaticamente.*)

Ricardo — Mas exageras neste instante.

Sophia — Sempre assim te conheci — amigo das difficuldades e dos perigos.

Ricardo — D'antes.

Sophia — Já agora será custoso mudares.

Ricardo — Que absurdo! Não digas tal.

Sophia — Não é uma censura...

Ricardo — Mas não me agrada ouvir-o.

Sophia — Ah!... Porquê?

Ricardo — Sempre és curiosa!...

Sophia, *amavel* — Bem o sabes. — Então?...

Ricardo, *baixando a voz* — E' que... é que, repetindo-me isso, far-me-hias duvidar da minha outra missão — entendes?

Sophia — E' justo realmente.

Ricardo — Eu proprio reconheço, que os meus precedentes me não prepararão muito para ella. Mas emfim, se tenho corrido riscos, não é por causa senão das creanças — dos nossos filhos.

Sophia — Tu tens sido um pae providente e activo. Os teus sacrificios...

Ricardo — Sacrificios não houve nunca. Eu gosto de vêr a abundancia á roda de mim. Depois, como dizias ha pouco, seduz-me lutar e vencer. Se tu soubesses como se vive nesses momentos decisivos, a exaltação do encarniçamento contra os homens e contra as coisas, quando se preten-

de passar adeante! E perceber que o tempo não é um material inutil, e que cada dia é um passo que nos approxima dos nossos fins e não simplesmente do fim, inevitavel e banal! (*Pega na carta que terminara.*)

Sophia — Sim, eu sou mulher. O meu prazer é a tranquillidade; e o unico meio que sei empregar, a paciencia. Mas não crês que na sombra e com vagar se pode tambem fazer muito?

Ricardo — Talvez; não o nego. Porem eu prefiro vêr claro o resultado do esforço.

Sophia, *depois d'um silencio* — E' então essa a carta — com a recusa?

Ricardo — Esta mesma.

Sophia — Decididamente não partes?

Ricardo — E' coisa assente.

Sophia, *levantando-se* — Bem! Nesse caso vou entregá-la á creada que a deite amanhã.

Ricardo, *sorrindo* — Ainda estás com medo?...

Sophia — Não. Mas para que não esqueça.

Ricardo — Eu a chamo. (*Toca a campainha. — Indo á janella.*) Que noite de agua!...

Sophia — Coitados dos que andão por fora — sem familia...

Ricardo, *voltando-se vivamente; com dureza* — Sophia!

Sophia, *baixando os olhos* — Só pensava em ti.

SCENA II

OS MESMOS e MARIANNA

Marianna *entrando pela direita baixa* — Chamarão?

Sophia — Ha-de amanhã deitar uma carta na caixa... (*Dirige-se á secretária.*)

Marianna — Sim, minha senhora.

Sophia, *lendo os sobrescriptos* — Que vem a ser isto!?... Estão aqui duas...

Ricardo, *approximando-se* — A que tem estampilha...

Sophia — Mas... a outra?...

Ricardo — A outra é a que escrevi ante-hontem a dizer que aceitava.

Sophia, *dando a Marianna a carta indicada* — Tome! Não se esqueça...

Marianna — Fique descansada, minha senhora. — Não precisa de mais nada?

Sophia — Talvez vão sendo horas de metter na cama os meninos. (*A Ricardo.*) Não te parece?

Ricardo, *indifferente* — E' melhor, é.

Marianna — Eu vou então. (*Sae.*)

SCENA III

RICARDO e SOPHIA

Sophia, *examinando outra vez a carta que ficou em cima da mesa* — A carta era aquella, com certeza?

Ricardo — A que escrevi esta noite? Era.

Sophia — E para que conservas a outra?

Ricardo — Só ha um instante, dei por ella, ao arrumar os papeis. Acabava de sobrescriptá-la quando... quando veio a revolução. Depois, fiquei tão enthiasmado e tão cheio de outros pensamentos, que a atirei para ahi sem mais pensar.

Sophia — Rasgo a ?

Ricardo — Não. Está dentro um documento que me não convem perder... Amanhã ordenarei isso. Aproveitemos o resto da noite a gozar da nossa companhia — não preferes?... Ainda que me vaes ter agora, por muito tempo, ao teu lado... (*Vão sentar-se perto um do outro. — Pequena pausa.*)

Sophia — Sabes? Sinto uma duvida — é que venhas a arrepender-te de ficares.

Ricardo — Não me arrependerei.

Sophia — As tuas hesitações...

Ricardo — As minhas hesitações nunca existirão sem o temor de vêr voltar as coisas á antiga.

Sophia — Tudo depende de ti, da tua vontade...

Ricardo — Na apparencia. Mas na realidade ha forças exteriores e interiores, imperceptiveis, que não posso dominar.

Sophia — Porque não sabes contemporizar com ellas, ter paciencia.

Ricardo, *impetuoso* — Contemporizar!?!... Queres dizer que eu devia... Mas repara que tinhamos chegado a uma crise — que tu mesma indirectamentep rovocaste...

Sophia — Não te fallava do passado; o que está feito, está feito...

Ricardo — Vale mais entendê-lo do que censurá-lo.

Sophia — Apenas queria dizer, que essas difficuldades que presentes no futuro, não são para desanimar.

Ricardo — Hum! Tu perdes menos depressa a esperanza, tens mais coragem nas circumstancias diarias, e mais pertinacia, do que eu, para obter os pequenos fins; em summa, és mulher.

Mas pela minha parte, declaro-te, angustia-me um verdadeiro medo ao lembrar-me que amanhã ou depois, em qualquer occasião — quando menos o esperarmos... (*Hesita.*)

Sophia — Elle pode tornar a apparecer. (*Ricardo acena com a cabeça. Ficão calados um instante. Suavemente.*) Já lá vão três dias...

Ricardo — Afigurão-se-me três annos.

Sophia — Se voltar, farás o mesmo que fizeste.

Ricardo — Accções d'estas não se repetem facilmente; não se quebra assim com o passado. Porem não importa! Devo ficar — por ti e pelos filhos...

Sophia — Por mim!?!...

Ricardo — Não disseste que eras feliz em sentir-me ao teu lado? — E tenho-te negado a felicidade!

Sophia, *tranquillizando* — A nossa união tem sido boa.

Ricardo — Sim, util para ambos e — fecunda. No emtanto não te deí quanto devera...

Sophia — Que mais querias tu!? Se me deste a vida!...

Ricardo — A vida?!...

Sophia — Sem ti, ousa quasi affirmar que não existiria...

Ricardo — Uma tal idéa!...

Sophia — E' o facto. Eu não tenho existencia propria, independente; sou mulher...

Ricardo — Mas as tuas grandes qualidades bastarão, creio eu, a...

Sophia — Pois é isso exactamente. As minhas grandes qualidades, só poderião manifestar-se na união com um ente mais forte, e trabalhador como tu. — Ainda te não esqueceste naturalmente das opiniões de teu tio, a meu respeito...

Ricardo — Deixemos o que lá vae. Quem sabe os interêsses que se acobertavão na opposição que te fez!

Sophia — Interêsses!?!... Eu quero ser justa para com a sua sinceridade... Era por boafé...

Ricardo — A principio — talvez; mas depois...

Sophia — Considerava-me sua inimiga...

Ricardo, *sorrindo* — Quanto a isso não se enganava muito...

Sophia — Perdão! Foi elle quem me atacou primeiro... Dizia-me perigosa...

Ricardo — Mas a tal respeito, estou persuadido que ha-de ter mudado.

Sophia — Vê lá se nos visita!...

Ricardo — Assim é, e tenho pena, porque desejava que visse pelos proprios olhos como se equivocou, como nós nos comprehendemos.

Sophia — Não se convenceria — crê.

Ricardo — Sim, meu tio é um pouco... testudo.

Sophia — E estas coisas não se vêem.

Ricardo — Tambem é verdade; tanto mais que a nossa existencia não tem sido tão perfeita e tão absoluta como deveria.

Sophia — Que entendes por essas palavras?

Ricardo — Que só d'ora avante e por todo o sempre é que vamos viver um com outro; e na realidade, um para o outro. Vida nova começou que ha-de ser mais bella que a do passado. D'aqui em diante pensando menos na riqueza, pensarei mais em ti, minha querida esposa. E talvez já assim tivesse feito ha muito, se não fôsse... (*Olhando para dentro, pela direita.*) Mas onde estão aquellas creanças? (*Chamando.*) Victor! Virginia!

Vozes, *dentro* — Papá?

SCENA IV

OS MESMOS, MARIANNA, VICTOR e VIRGINIA

Marianna, *entrando com as creanças*—O' minha senhora! os meninos não ha quem os faça deitar.

Sophia — Ora essa! Então porquê?...

Ricardo, *em gracejo* — Tu não te queres ir deitar, Victor? Mostra-me cá essa cara...

Victor — A mana é que não quer...

Virginia — Ainda é tão cedo; tinha vontade de brincar mais um bocadinho...

Sophia — Ha muito tempo amanhã. Vão, vão...

Ricardo — Elles estão até com olhos de somno.

Sophia — Leve-os, Marianna.

Virginia, *acariciando-a* — Não mamãzinha; deixe-me vêr uma coisa...

Sophia, *correspondendo aos afagos* — Vêr o quê?...

Virginia — Se uma pessoa vem...

Sophia, *disfarçando o embaraço* — Ora que ton-tice!

Ricardo — Creanças! Digão que isto não guarda memoria!... — Vae, Victor; se a tua irmã é teimosa, lá tens o mano mais pequeno. Vae que estás cheio de somno. (*Beija-o.*)

Sophia *beijando os dois filhos; a Virginia* — E tu tambem, obedece ao papá. Despede-te d'elle, anda! e dorme descançada; porque quando fôr a tal coisa...

Virginia — A mamã acorda-me?

Sophia — Sim, sim, eu acordo-te; anda!

Marianna — Ai, minha senhora, tem sido esta noite um castigo com essa menina!... (*Conduz Victor.*)

Ricardo, *acarinhando Virginia* — E' da idade; passa-lhe. Pois não é assim?

Virginia — O quê, papá?

Ricardo — Que has-de ser mais nossa amiga do que ninguém?

Virginia, *inerte* — Eu sou amiga do papá.

Ricardo — Está bom! Então nesse caso não me tornes mais a fallar...

Sophia — Ricardo!

Ricardo — Tens razão. (*A Virginia.*) Acompanha o Victor, minha filha. (*Beija-a.*)

Sophia — Agasalhe-os bem, Marianna, ouviu?

Marianna — Sim, minha senhora.

Sophia — Eu já lá chego a vêr isso.

Marianna — Ah! terei cuidado que hoje faz frio. (*Sae com as creanças pela direita fundo, fechando a porta.*)

SCENA V

RICARDO e SOPHIA

Ricardo, *que chegou á janella; depois d'uma pausa* — Está realmente uma noite horrível. Nem viv'alma! Tudo apagado!... Dir-se-hia que nos achamos solitarios no mundo, que a nossa casa é a unica...

Sophia — E se assim fôsse, Ricardo, não seria bom?

Ricardo — Quê! Acharmo-nos sós no mundo!?... Seria sinistro.

Sophia — Era a maneira de nos sentirmos mais proximos um do outro.

Ricardo — Por isso tu gostas das noites como esta; está-se mais em familia...

Sophia — A tristeza de fora parece cá dentro uma alegria. Mas a ti não te impressiona isto...

Ricardo — Começa agora a impressionar-me. Comtudo, ainda me não habituei á felicidade...

Sophia — Ainda não encontras a casa confortavel?

Ricardo — Confortavel talvez; mas a liberdade offusca-me. Afigura-se-me tudo um sonho. — A's vezes, quando penso, vem-me uma grande alegria; e tenho vontade não sei de que loucuras para manifestar a minha expansão. Porem quando não penso....

Sophia *anciosa* — Quando não pensas?...

Ricardo — E' como se elle aqui estivesse.

Sophia — Que illusão!

Ricardo — Gira em volta de nós, espreita-nos atrás das portas, senta-se ao meu lado; acompanha-me e persegue-me sempre e para toda a parte. Por vezes parece-me que enche a casa com a sua presença impalpavel. Oiço o seu passo subtil, sinto-o segredar-me baixinho; respiro o no ar, envolve-me, suffoca-me. Tu não imaginas que tormento, e os olhos descoloridos que elle fita em mim, com um mixto de exprobação e de orgulho, como a dizer-me que esta casa é sua e será sempre sua, que vivo ou fantasma, ausente ou perto, lhe havemos de pertencer eternamente.

Sophia — Mas é uma fantasia tudo isso.

Ricardo — E' quasi uma allucinação. E por mais que forceje, não consigo arrancar esta imagem!... (*Olha desesperado para o vazio.*)

Sophia, *depois de examiná-lo um momento, aproxima-se d'elle; com brandura* — Porque me não tinhas ainda fallado nisso?

Ricardo — Não queria apoquentar-te. Demais, dia a dia, hora a hora, estou á espera que o pesadelo me passe.

Sophia — E ha-de passar, sim.

Ricardo — Quem sabe lá! Não posso repulsá-lo do cerebro como o repulsei aqui de casa, por um acto de brutalidade.

Sophia — E entretanto é necessario...

Ricardo — Por certo. Emquanto elle aqui estiver, seja onde fôr, de facto ou em pensamento, é-me impossivel ser feliz.

Sophia — A lembrança ha-de extinguir-se desde que aniquilaste a realidade.

Ricardo — Que a aniquilei!?. . . . Não digas isso, Sophia.

Sophia, *com vivacidade* — Tu tens remorsos...

Ricardo, *com voz surda* — Parece-me que sim.

Sophia — Pêsa-te, não direi já de o teres aniquilado — de o teres supprimido...

Ricardo — Se tu visses os olhos com que me fita!

Sophia — Verdade verdade, sentes a sua falta?...

Ricardo — Em me esquecendo d'elle, acho-me bem, bem como nunca. Sou como um outro homem. Vivo na minha existencia e sinto a esperanza de preparar o sincero futuro áquelles que acolá estão deitados. — Porem esta obsessão, que afinal é talvez o remorso, talvez unicamente o remorso, inquieta-me, horroriza-me, suscita-

me ideas criminosas, atrozes... (*Levando as mãos á frente.*) Eu nem quero pensar.

Sophia — Se houvesse algum meio!...

Ricardo, *com colera* — Prohibo-te! .. Esqueces-te de que é meu pae...

Sophia — Bem o sei. Mas não te fallava em violencias... Se por ventura existisse um meio de que me pudesse servir—como coisa minha... Talvez que elle deseje voltar...

Ricardo — Isso nunca. — Pois eu havia de ter feito um esforço — e que doloroso esforço que foi! para o inutilizar por mim proprio ou consentir que o inutilizem logo no dia seguinte?...

Sophia — Mas se soffres d'esse remorso!...

Ricardo — E' uma fraqueza; acabará como todas as fraquezas.

Sophia — Entretanto....

Ricardo — Basta! As coisas permanecerão assim, na sua verdadeira harmonia. O velho era demais entre nós.

Sophia — Era um estôrvo, não digo o contrario; mas tambem não sabias levá-lo.

Ricardo — Seja como fôr; d'ora em diante, cortei o fio da dependencia. (*Ouve-se retinir a campainha.*)

Sophia, *enleada* — Quem será?

Ricardo, *estremecendo* — Será elle?...

SCENA VI

OS MESMOS e MARIANNA

Marianna, *apparecendo pela porta da direita fun-*

do, que fecha — Tocarão á porta, minha senhora ?

Sophia — Sim... cuido que sim... Vá vêr quem é. (*Marianna sae pelo fundo esquerdo.*)

SCENA VII

RICARDO e SOPHIA

Sophia — Parece-me impossivel que seja elle, com este tempo...

Ricardo — Ha pouco julguei sentir rodar um carro...

Sophia — Mas não se atreveria...

Ricardo — Schiu! (*Ficão ambos com os olhos fitos na entrada.*)

SCENA VIII

Os MESMOS e CHRISTIANO

Christiano, *apesar de vestido secularmente denota bem no todo a profissão. Avança alguns passos lentos e pronuncia solemne* — Santas noites sejam nesta casa!

Ricardo, *que de attonito ainda nada disse* — O tio!...

Christiano — Não sei se venho em má occasião...

Ricardo — Naturalmente não o esperava agora, ainda que... Mas todas as occasiões são boas para nos dar o gôsto da sua visita...

Sophia — Tão raro... (*Pega-lhe na bengala e no chapéu; offerece-lhe uma cadeira.*)

Christiano — Raro... Eu sou um velho, e onde ha expansões juvenis e grandes esperanças de futuro, não fica bem a presença d'um velho — pois não lhes parece? (*Volta-se para um e outro, que manifestão embaraço.*)

Sophia — Não pense tal coisa.

Christiano — Pretende ser amavel commigo; eu porem mantenho a affirmação. Por isso é que nos tempos que vão correndo, a ter de sujeitarme a parecer importuno prefiro ficar ao meu canto e morrer sósinho.

Sophia — Que idea tão grave! — Morrer!...

Christiano — Triste mas consoladora ás vezes, quando não ha nada a esperar do mundo. — Meu irmão já está deitado?...

Ricardo — Está... quer dizer...

Christiano — Ah! tens um para quem a morte seria o supremo beneficio.

Ricardo — Que atrocidade!

Christiano — Escusava de andar exposto a todos os baldões, a todos os caprichos... do acaso; escusava de soffrer como sei que-soffre... Os ultimos annos são bem penosos!... (*Abaixando a voz.*) E para ti era um allivio.

Sophia — Oh! não lhe diga isso.

Christiano — Pois não será assim?... Quando esperamos do nosso pae a fortuna, desejamos que expire breve para podermos herdar; quando é pobre, queremos a nossa independencia e descarregar um pêso inutil. Assim é e assim deve ser, porque todos gostamos de viver a nosso grado.

Ricardo — Estranho hoje as suas maximas.

Christiano — Porquê?

Ricardo — Acho-lhes pouca consciencia.

Christiano — A consciencia! Pfu!... Talvez me deixasse infiltrar das noções novas, sem dar por isso. Mas estou seguro que ambos aqui concordão commigo.

Ricardo — Como é que o tio em tão más disposições para comnosco se lembrou hoje de visitar-nos, e numa noite assim?

Christiano — Numa noite assim porque queria ter a certeza de te encontrar; hoje, porque ás minhas occupações conveio mais este dia.

Sophia, *com finura* — Nada então de particular o trouxe cá?

Christiano — Vê-los, já que tanto levão a mal a minha ausencia; saber da sua felicidade e tomar exemplos na sua vida.

Ricardo, *com azedume* — A nossa vida é demasiado simples para poder servir de exemplo.

Christiano — Quê! Não continuão a dar-se bem?...

Sophia — Ah! sim, por certo.

Christiano — Pois ahí está. — Quando se tem o coração leve de remorsos e não ha nada a deitar-se reciprocamente em rosto, a existencia torna-se uma coisa agradável. O preciso é viver dia a dia, sem preoccupações transcendentales.

Ricardo — Quem diz ao tio que as não temos?

Christiano — Hum! Tua mulher é demasiado positiva para isso, e tu proprio, um homem de negocio...

Ricardo — Não volte ás suas recriminações, meu tio. A profissão não será talvez *sympathica* nem muito moral — ousou dizer — mas...

Christiano — Careces de enriquecer-te...

Ricardo — E' que exactamente se um dia con-

seguir legar aos filhos o necessario, poderão elles viver d'outro modo, até exclusivamente de amor, encontrando uma mulher como esta minha.

Christiano — Não te defendas que nada censuro; pelo contrario, dou as mãos á palmatoria e declaro que me enganei. Os seus caracteres coadunão-se perfeitamente.

Sophia — Ha bastantes differenças entre nós...

Ricardo — A Sophia não era para mim. Guardadas as proporções entre os dois sexos, a Sophia é-me muito superior em conhecimentos...

Sophia — Quem pensa nisso!... O que eu entendo é que apesar das differenças que o tio d'antes reconhecia, não ha em nós opposições que impeção a concordia. E é por isso e não por outras razões que nos achamos felizes.

Christiano — Ao menos no ponto de vista material, devem confessar que se entendem perfeitamente...

Ricardo — Na questão dos interêsses?... Minha mulher é poupada; faz assim a diligencia por economizar-me os esforços e porque eu melhor os utilize.

Christiano — Não fallo apenas na questão dos interêsses, (*com intenção*) mas mesmo na questão dos factos.

Ricardo — Não entendo a que quer chegar.

Christiano — A nada; é só isto.

Sophia, a Ricardo — Tambem concordo no que dizias ha pouco, que não foi simplesmente por visitar-nos que o nosso tio cá veio.

Christiano — Pois engana-se, engana-se, creia; como lhe tem succedido tanta vez. (*Ouvem-se dentro os vagidos d'uma creança.*)

Ricardo — O pequeno acordou...

Sophia — Eu vou vê-lo, se me escusão...

Christiano — Não se deve prender com a minha presença, bem sabe. (*Sophia sae pela direita fundo, que fecha.*)

SCENA IX

RICARDO e SOPHIA

Christiano, *subitamente, apenas Sophia desapareceu* — Necessito de conversar contigo, em particular.

Ricardo — Estamos sós.

Christiano — Sim, mas tua mulher...

Ricardo — Minha mulher demora-se; foi amamentar o filho. Comtudo deixe-me adverti-lo que não tenho segredos para ella.

Christiano, *com ironia* — Procedes muito bem; mas para o que vou dizer-te, não acho precisas testemunhas.

Ricardo, *séco* — Falle á sua vontade.

Christiano — Pois á minha vontade conto fallar. — Eu não vim aqui para fazer-te uma simples visita...

Ricardo — Tinha d'isso quasi a certeza.

Christiano — Esperavas-me?

Ricardo — Talvez. Embora não esquecesse ainda a promessa com que quiz ameaçar-me por occasião do meu casamento, quando pela primeira vez cerrei ouvidos aos seus conselhos. Disse que me abandonava ao destino, e que nunca mais, em circumstancia alguma, interviria na minha existencia.

Christiano — E tenho cumprido...

Ricardo — Assim é.

Christiano, *com emphase* — Hoje porem, depois de longas hesitações, vencendo a relutancia que naturalmente havia de causar-me a perspectiva d'uma apparente quebra no procedimento, que me propuz e entendo dever adoptar para contigo...

Ricardo — Comprehando o sacrificio e creia que o dispensava d'elle...

Christiano, *sem escutar a interrupção* — Hoje, o que se passa é tão grave que me vejo forçado a vir aqui, não para influir na tua vida, mas unicamente para perguntar-te se fazes perfeita idea do acto que commetteste. Fazes?

Ricardo — Supponho que sim.

Christiano — E como o appellidas tu?

Ricardo — Um acto de impaciencia e de rebelião.

Christiano — Por outra palavra — um crime.

Ricardo — Um crime!?

Christiano — Pois que outra coisa é a rebellião contra um pae?... Mas percebo que a tua obcecada consciencia não alcança a extensão da culpa — a tal estado tu chegaste!...

Ricardo — Meu tio, deixemos as grandes phrases e fallemos amigavelmente. Para que nos havemos de irritar?... Se é uma explicação que deseja, estou prompto a dá-la; depois julgar-me-ha como entender, mas peço-lhe em todo o caso que me dispense de ouvir o seu criterio.

Christiano — Não preciso de explicações; sei bem o que devo pensar da tua acção e dos motivos por que a praticaste; e é mesmo por suspeitar que não houve em tudo isso senão uma

leviandade censuravel e maus incitamentos de tua mulher, que me atrevi a vir cá; porque se tivesse a certeza que a tua depravação era completa, juro-te, em nome do que nos ouve, que não poria os meus pés nesta casa.

Ricardo — Labora em êrro, tio. Nunca minha mulher disse uma só palavra para instigar-me a romper com o sogro; nunca lhe descobri tal pensamento; e fazer d'ella uma egoista, uma intrigante, é calumniá-la. Lembre-se da sua profissão, que lhe prohibe a calumnia.

Christiano — Eu não affirmei que tua mulher intrigasse...

Ricardo — Acha porem no intimo que a sua idea constante tem sido apartar-me dos meus...

Christiano — Hum! Para chegar a tal resultado, sem que tu o percebesses nem talvez ella mesma, bastava apenas impôr-te as suas maneiras de vêr, tão fundamentalmente adversas ao espirito dos teus verdadeiros parentes.

Ricardo — Mas a Sophia, nunca impoz cousa alguma.

Christiano — Levou-te a sympathisar comsigo; conquistou-te insensivelmente. Desde principio que o prophetei; não era uma esposa que entrasse para a tua familia, mas apenas te chamava para si. E aqui está o motivo da minha inimizade.

Ricardo — Porque ella não queria ficar sob o dominio do tio...

Christiano — Seja assim. Porque não queria submetter-se; porque d'um modo intencional ou instinctivo procurou sempre pôr-me de lado.

Ricardo — E' possivel que algumas vezes o tratasse com frieza; porem para o velho mostrou

sempre um sincero interêsse e uma larga tolerancia...

Christiano — Não isenta de criticismo...

Ricardo — A verdade é que se elle sahiu, não foi por vontade da Sophia, que acceitou tão sómente os factos, como costuma. Sou eu o responsavel de tudo.

Christiano — Bem! supponhamos. — Entretanto, se os motivos não partirão de tua mulher, d'onde te veio nesse caso uma determinação tão — ousada?

Ricardo — Unicamente das circumstancias.

Christiano — Nellas encontras justificação para expulsar de casa um pae?

Ricardo — Queria restringi-lo ao seu natural limite de influencia; e como não accedeu, procurei desfazer-me d'elle.

Christiano, *severo* — Ricardo! Ninguem se pode desfazer d'um pae.

Ricardo — E' justo; exagerei a expressão. Ninguem se pode desfazer d'um pae.

Christiano — Reconhece-lo?

Ricardo — Hoje como nunca.

Christiano, *depois d'um instante de silencio a sondá-lo* — Perguntei-te se formavas clara idea da acção que praticaste?

Ricardo — E eu respondi-lhe que sim.

Christiano — Nada te pesa na consciencia?... Sê franco. — Não sentes o menor remorso?...

Ricardo, *com uma leve hesitação* — Talvez.

Christiano — Achas-te arrependido?... Eu estou afeito a lidar com almas; tenho visto e ouvido muito da maldade humana e julgo que o arrependimento é perdão para tudo. O teu proceder cruel, provem talvez apenas d'um êrro. Confessa: sentes-te arrependido?

Ricardo — Não; arrependido não estou.

Christiano — Ah! Ricardo. Tu és orgulhoso ainda por cima.

Ricardo — Que quer que diga? Tenho remorsos, é verdade; mas não estou arrependido.

Christiano — Como pode ser isso?

Ricardo — Não sei, mas é assim.

Christiano — Desde creança que te conheço e sempre te encontrei um coração bom — será possível que estejas tão mudado?

Ricardo — O tio mesmo que aprecie...

Christiano — Tu soffres com o que fizeste; o que não queres é declarar...

Ricardo — Disse-lhê já que soffria.

Christiano — Nesse caso é por uma obstinação de soberba que estás evitando reparar a aberração d'um momento...

Ricardo — Julga-me mal.

Christiano — Pois soffres com uma acção indigna e perseveras! .

Ricardo — Indigna lhe chamarão os outros; por mim, só vejo uma coisa — que os motivos que me impellirão, subsistem de toda a maneira.

Christiano — E quaes são esses motivos — tão estranhos?...

Ricardo — E' que não podíamos viver ambos aqui.

Christiano — Tu e teu pae!?...

Ricardo — Eu e meu pae.

Christiano — Entendes então que as suas rabugices erão de tal modo intoleraveis que um filho... que tem deveres...

Ricardo — Não lhe chame rabugices, mas exigencias. Emquanto pude contemporizei; elle, porem, nunca cedeu. — Esta situação tinha de acabar.

Christiano — Mas, por Deus, Ricardo, que não te comprehendo. Ou tu estás zombando, ou a tua intelligencia se encontra pervertida.

Ricardo — Nem uma coisa nem outra; e se não me comprehende, vou explicar-me melhor.

Christiano — E' uma tarefa bem improficua essa de ouvir devaneios.

Ricardo — Mas só escutando esses devaneios e inteirando-se da realidade conseguirá perceber as coisas. Procure ser justo e verâ, despindo-se de preconceitos, se não tenho razão no que digo.

Christiano, *sentando-se perto de Ricardo* — Falla.

Ricardo, *depois de reunir ideas* — Meu pae exerceu sempre sobre mim uma pesada tutela. Em creança era admissivel, quando a razão e a vontade me não podião tutelar ainda. Eu porem cresci e a minha personalidade cresceu; casei; sou hoje um homem barbado; meu pae não notou a differença. Esterilizado pela idade, é como se para elle o tempo deixasse de correr, e trinta annos depois da minha infancia, não vê em mim mais que o adolescente que precisa de ser aconselhado e dirigido através dos perigos da infinita vida. Dirigido e aconselhado, ainda não é tudo; inhibido quer elle que eu seja, em nome de principios que a mim me não conveem nem desejo comprehender, ainda que a meu pae pareção os melhores. Conheceu outras existencias, outros phenomenos, outras illusões; para elle, a vida é uma coisa differente do que é para mim; e comtudo, no seu absoluto, entende impôr-nos a vontade, bem como a minha mulher e a meus filhos, constantemente e intransigentemente.

Christiano — A vontade d'um pobre velho, cuja

energia é uma sombra. Pensas que não conheço teu pae?... A sua fraqueza, quando muito, quererá elle impôr.

Ricardo — Seja! mas impõe.

Christiano — Na medida em que lh'o consente o teu respeito para com elle, que, como agora se vê, sempre foi bem pouco.

Ricardo — Engana-se! — E' na medida em que os antigos habitos me obrigão a obedecer-lhe. Esse pobre velho, esse fraco, tem por si uma fôrça temível, a fôrça inerte do passado, de que me impregnou com a educação. Não se vive impunemente nos sentimentos dos outros, nas suas ideas, na sua moralidade; e meu pae sabe muito bem invocar o costume para fazer-se obedecer. Ora me falla das lições do tio, ora dos seus proprios exemplos, ora do respeito, ora da compaixão que lhe devo; e ainda quando a razão fique refractaria em mim, sou constringido a segui-lo pelo hereditario vicio que me rege.

Christiano — E porque has-de affligir-te tanto em cumprir com o teu dever?

Ricardo — Porquê!? Porque sou infeliz. Sinto-me um hospede em minha propria casa. Se discuto, sou vencido e torno a existencia um tormento mesquinho, embaraçoso com bagatellas; se não discuto, olho em roda, e vejo que tudo me contraria, que não se pratica nesta casa qualquer acção em que possa achar felicidade, alegria ou reconfôrto. Não sou livre plenamente, nem tão pouco — e é isso o peor de tudo — posso, como entendo, preparar para a luta aquelles que um dia hão-de aqui mandar.

Christiano — Teus filhos...

Ricardo — Sim. Pelo que acabo de referir e porque sou obrigado a andar longe em virtude

dos negocios, é natural, apesar das diligencias da mãe, que nelles se torne saliente a influencia nefasta do avô.

Christiano — Nefasta! Nefasta!...

Ricardo — Certamente. Se os preceitos de meu pae me não servem já a mim, devo crêr que as suas lições sejam proveitosas aos netos?

Christiano — Ricardo! tenho-te escutado com attenção e evitando discutir; mas essa censura a teu pae é tambem para mim uma censura, quando realmente forcejei, como elle, e com toda a minha alma, por fazer de ti um homem digno e honrado, um homem instruido e bom.

Ricardo — Honrado e digno a seu modo, instruido e bom á sua feição; é porem certo que sobre a vida, a vida de nossos dias, coisa alguma me ensinárão. Depois de tanto trabalho collocárão-me de tal sorte no mundo que, quando me encontrei sósinho, antes de apprender por mim proprio, fui sempre um joguete entre as circumstancias que desconhecia e de toda a parte me esmagavão. Mas deixemos as exprobações...

Christiano — Tambem julgo melhor, ainda que te dou razão. Não soubemos educar-te, por isso que das nossas maneiras de vêr, nada conseguiste aproveitar senão um desejo frivolo de indisciplina, que tomas pelo espirito de liberdade. Retiro-me; não tenho mais que fazer aqui, em casa de quem assim repudia a alma de seus maiores. Oxalá que o tempo te não mostre, porem já muito tarde, o teu criminoso êrro. Os loucos, ainda podem ser felizes; mas quem magoa um remorso, nunca!

SCENA X

OS MESMOS e SOPHIA

Sophia, *vendo Christiano que pega na bengala e no chapéu* — Então vae-se embora já?...

Ricardo — O tio veio cá para informar-se das causas por que me separei de meu pae...

Sophia — Só para isso?

Ricardo — Na apparencia pelo menos. Infelizmente, ou não me comprehendeu, ou duvida da minha sinceridade. Passaria bem sem ter de dar taes informações; mas já que elle as provocou, contrista-me que fique a meu respeito com uma opinião menos justa. Explica-lhe tu, Sophia, qual foi o grande motivo que me obrigou a romper com o pae; talvez te acreditem melhor e se fiem, quando menos, na probidade das minhas intenções. Qual foi esse motivo? Dize-lhe.

Sophia — Pois o tio não acredita!?...

Ricardo — Não; segundo penso.

Sophia — Foi o amor de nossos filhos.

Christiano, *ironico* — O amor de vossos filhos!..

Sophia — A isso o Ricardo sacrificou tudo.

Ricardo — Vendo que os defeitos de educação cada vez mais se inveteravão...

Sophia — Decidiu estar o mais possivel presente nesta casa.

Ricardo — Compreendi que não bastava deixar aos filhos uma fortuna; mas que tão importante como isso era prepará-los para o amanhã.

Christiano — E foi por ahi que começaste — expulsando teu pae.

Ricardo — Entre o amor de meus filhos e o amor de meu pae, não podia haver hesitações.

Christiano — Decerto; teu pae primeiro que tudo.

Ricardo — Por muito que eu a elle deva, mais devo aos meus descendentes.

Christiano, a *Sophia* — Pensa da mesma maneira?

Sophia — Penso como meu marido.

Christiano — Nada me espanta já aqui. Mas sem querer discutir com quem me não entende, ousa ainda perguntar: achas então incompativeis essas duas affeições?

Ricardo — Julgo tê-lo demonstrado.

Christiano — Pois não ha tal.

Ricardo, *impaciente* — Vamos, vamos! Eu disse-lhe já que os conhecimentos de meu pae são erroneos ou inuteis, que as suas sympathias são malcabidas, a sua moral é estreita, os seus systemas incompletos...

Christiano — É depois?... .

Ricardo — Não lhe disse eu que elle era o passado e que meus filhos são o futuro?

Christiano — Sim.

Ricardo — Não o apresentei a regrar a vida por principios que já fôrão, a combater contingentes que deixarão de existir, a desaproveitar forças novas, a andar como um cego aos trambulhões por entre formas e conceitos que já nascerão depois d'elle?

Christiano — Adeante!

Ricardo — Cuido que lhe indiquei isto tudo, evitando affligi-lo tambem a si, com a prova de que eu e meu pae, o tio como os do nosso tempo, não passamos todos d'uns velhos.

Christiano — Tudo isso me deixaste entrever;

mas o que não attingi desde logo, é que a primeira regra da tua pedagogia era cultivar a ingratidão...

Sophia — A ingratidão!?. . .

Christiano — Era ensinar os filhos a desprezar seus paes, a odiá-los mesmo, a maltratá-los, a deixá-los morrer como animaes peçonhentos, de fome ou desespêro, num isolamento morbido, num desamparo horroroso da familia, onde apenas amargas lembranças veem suavizar-lhes o pensamento de que hão-de breve desaparecer, sem uma lagrima de recompensa por tantas acções generosas que fizerão.

Ricardo, *implorativo* — Meu tio!

Christiano — Pois tu pensas que não é nada ter amado os seus, ter-se acostumado á familia, ter creado filhos e filhas como uma esperanza da velhice, e um dia, brutalmente, já perto da morte, quando se não pode recommençar a carreira, vêr-se escorraçado pelos que mais nos devem, incomprehendido nos seus desejos e calumniado nas suas intenções?.. — Tu nunca foste um bom pae...

Sophia — E' falso, é falsissimo...

Christiano — Respeite os meus cabellos brancos. — Digo e repito, o Ricardo nunca foi bom pae. O seu commercio, as suas tricas para ganhar muito dinheiro...

Sophia — Dinheiro com que nos sustentou a todos nós, inclusivamente meu sogro.

Christiano — D'acôrdo! mas o dinheiro absorveu-o sempre e a educação dos filhos quasi nunca. Pois apesar d'isso é elle quem vem sentenciar os outros, é elle quem orgulhoso da sua experiencia futil e do seu saber de ignorante, se arvora em algoz...

Ricardo — Algoz?!...

Christiano — Sim, dos que melhor merecêrão e fizeram o mais que podião, ainda que não podião fazer tudo.

Ricardo — Não lhe negarei, tio, certa razão, nem mesmo defenderei o meu procedimento antigo; mas de hoje em diante espero merecer-lhe a reputação de educador.

Christiano — Tu!?... Tu, nunca o serás, nunca o poderás ser.

Sophia — Quem sabe!? Teem-se visto tantas mudanças!...

Ricardo — A Sophia me ajudará.

Christiano — E desgraçado de ti se conseguires a tal ponto tomar amor a teus filhos!

Sophia — Desgraçado porquê?

Christiano — Porque aprenderá então á sua propria custa quanto doe supportar as injurias d'aquelles que trazemos no coração. Um dia, seguindo exemplo tão frisante e tão agradável de imitar, seus filhos pô-lo-hão fora d'esta casa, a que então elle já se terá afeiçoado, dizendo-lhe quando o sentirem impotente: «vae, trata da tua vida, agora que estás sem fôrças; nós já não precisamos de ti. Não temos que agradecer-te nem sequer a existencia; és um velho insupportavel como nosso avô, nunca comprehendeste nada do mundo, nunca soubeste educar-nos. Vae-te acolher onde puderes...»

Sophia — Oh! não; meus filhos não farão isso.

Christiano — E elle então, desprezível e desprezado, velho, enfermo, ir-se-ha arrastando de porta em porta á procura d'uma guarida; porem não encontrará piedade, porque os homens d'esse tempo, já não respeitarão a velhice, porque des-

truidos os fundamentos da vida familiar, não achará um só parente, um irmão, pobre embora, que lhe diga — eu te agasalho. Como um velho que conhecemos, não irá definhando-se dia a dia com a alma lacerada pela maior das injustiças, aterrado pelo futuro, acabrunhado pela ausencia dos miseráveis bens que durante setenta annos mais acarinhou, desvairado pela perda de antigos habitos imprescindíveis em todo o tempo mas mórmente na segunda infancia quando já não existem esperanças. Não! Tu não te definharás de tédio, de saudade e desalento, não te sentirás nausear recebendo a esmola de vagabundo, não poderás queixar-te de iniquidade, nem sentir a vergonha dos teus; mas has-de morrer de pavor a um canto da rua, no opprobrio dos que quizerem chasquear uma ignobil cabeça encanecida. E assim seja!

Ricardo — Se com tudo isso, eu fizesse a felicidade dos que veem depois!...

Christiano — Com certeza que has-de fazer. Logo que te tenham repellido, nesta casa reinará de novo a indisciplina, esvaziadas as tradições que, boas ou más, são como o alicerce d'uma familia que pretende subsistir e ter vida sua.

Sophia — O tio é bem cruel.

Christiano — Desagrado-lhes! Aqui só agradão palavras de egoismo; já lhes ferve talvez a vontade de indicar-me o caminho da porta. Não será necessario tanto; descansem que vou retirar-me. Não quero aqui deixar de mim mais que a minha maldição, maldição que imploro do ceu sobre a face d'um parricida.

Ricardo, *avançando para elle, ameaçador* — Cuidado, tio, cuidado!

Christiano, *defrontando-o com firmeza* — Isso!

Atreve-te tambem commigo; *finis opus coronat*. Chamei-te parricida e sustento-o, porque mercê da tua acção torpe, em muito pouco tempo terá cessado teu pae de existir.

Ricardo, *angustioso* — Ah! tio, tio!...

Sophia, *brandamente, junto d'elle* — Não percas a placidez, Ricardo!

Ricardo — Mas para que me deseja elle martyrizá-lo? para que me martyriza elle? que mal lhe fiz eu?..

Sophia, *a Christiano* — Se meu sogro morrer como diz, não será por culpa nossa. Todos temos de morrer, e naturalmente os velhos primeiro. Ainda que elle morasse connosco, não podia tornar-se immortal; e banido, longe d'aqui, ha-de durar de toda a maneira até que sôe a sua hora.

Christiano — Apressada pela revolta do filho.

Sophia — Pela sua frieza, é possível; mas a esperança de voltar ainda um dia, talvez até lhe prolongue a vida.

Christiano — Explique-se mais terminantemente — não se prive. Como os velhos estão por pouco, uns annos que lhes apressemos a morte, não são motivo para remorso... sobretudo quando se tem uma esposa para immacular-nos a consciencia.— Era assim que fallaria ao Ricardo se neste momento se encontrassem sós.

Ricardo — A Sophia julga as coisas pelo modo que hoje considero mais acertado; é a ella que tomarei para arbitro, embora o tio com ella não concorde. — O que entendes, Sophia, devo acolher outra vez o pae?

Sophia — Se lhe desses uma pensão para a sua subsistencia — uma pensão digna — a tua consciencia não ficaria tranquillá?

Christiano — Invariavelmente opportunistá!

Sophia — Parece-me melhor do que invariavelmente intolerante.

Ricardo, *tendo reflectido* — Como hei-de proporcionar-lhe uma pensão digna, se d'ora avante, ficando em casa, vou decerto ganhar muito pouco?

Sophia — Com economia, porque não?...

Ricardo — Sacrificando os pequenos?... Emfim! Faça-se como entendes.

Christiano — E' então essa a maior offerta que consegue inspirar-lhes a generosidade?... Pois bem! em nome de teu pae, que não está longe, mas que creio inutil consultar, acho-me autorizado a recusá-la. Para pedir-lhes uma esmola era escusado eu vir aqui; as minhas migalhas de pão, ainda chegão para os dois.

Ricardo — Ha-de sempre acintosamente desvirtuar-me as intenções.

Christiano — Eu não tentei sequer penetrar todo o sentido ás tuas palavras. Dás afim que te deixem; nem ao menos és caridoso.

Ricardo — E que mais pode exigir de mim?

Christiano — Essa pergunta é um escarneo.

Sophia — Quer que elle volte para aqui.

Christiano — Quero que lhe restituão a familia de que o privarão, e todos esses bens moraes, que são d'elle porque os creou, e a que portanto tem direito.

Ricardo — A que bens allude o tio?

Christiano — Ao respeito, á affeição, á obediencia e aos carinhos.

Ricardo — Acredite que dentro de mim, o respeito e a affeição a meu pae, jamais cessarão de existir... e se elle desejar visitar-nos, de tempos a tempos, nunca será mal recebido.

Christiano — Outra esmola para contentar, uma

esmola de amor filial!... Recuso, como ha pouco; meu irmão é muito orgulhoso para que se resigne a acceitar isso.

Sophia — Seu irmão é excessivamente orgulhoso...

Christiano — Tem esse defeito que não é christão; mas o filho é cem vezes peor, porque não sabe descer esta escada e pedir perdão a um pobre velho, que com o coração angustiado espera a maior ventura da terra — a convicção de ser ainda amado pelos seus — e teme a decepção mais pungente, o ultimo golpe da mão querida, que o prostrará sem resurgimento...

Ricardo, *ancioso, commovido* — Meu pae... meu pae está lá em baixo?...

Sophia — Pois elle... (*Acena com a cabeça em gesto de quem se comprehendeu.*)

Christiano — Sim, resolveu acompanhar-me para conhecer o mais breve possivel a tua decisão fatal.

Ricardo, *muito excitado* — Que hei-de fazer, Sophia? que te parece?... Sorris!?... E' justo; pergunto-te pela opinião para que me aconselhes o que desejo... Embora! Dize-me em todo o caso, lealmente, o que achas que devo fazer; eu depois decidirei...

Sophia — Se só d'essa forma readquires o descanso, satisfaze a vontade a teu tio.

Ricardo — Cuidas isso preferivel — lealmente?

Sophia — Assim o cuido.

Ricardo — O tio ouviu minha mulher; mostre-a ainda sua inimiga...

Christiano — E' na realidade muito subtil...

Sophia, *risonha* — Não mais do que quem sabe empregar todos os meios da rhetorica — e ainda outros — para attingir fins tão difficeis. (*Fitão-se graves um momento.*)

Christiano, *encolhendo os hombros para quebrar o enleio* — Levo tranquilla a consciencia; Deus será o meu juiz. Assim persistão os beneficios d'este grande triumpho que alcancei sobre uma alma renitente; (*a Ricardo, estendendo-lhe a mão*) e oxalá obtenhas o perdão supremo, como eu desde já te perdão se a contrição é sincera.

Ricardo — Vae-se?

Christiano — Esta habitação não me pertence; tenho ainda outra familia *longiqua*. — Patenteia a teu pae que o offendeste, que reconhecetes que o offendeste.

Ricardo — Ah! meu tio, porque não quer comprehender-me?

Christiano — Por demais te comprehendi. Despe a arrogancia de sabedor, compunge-te do teu egoismo e não tornes a commetter a falta. As mulheres são tentadoras e...

Sophia — Foi Eva quem deu a provar ao homem o fruto da arvore da sciencia... Não é isto?... E uma sua descendente...

Christiano — Calar-me-hei antes. O esquecimento das affrontas, é a primeira lei da caridade.

Ricardo — Sim, meu tio, fique nessas boas palavras se deseja retirar-se.

Christiano — Ainda tenho melhor a dizer: é que reine a paz nesta casa!

Ricardo — D'ella carecem os que lutarão; porem eu...

Christiano — Silencio! Teu pae vae voltar.

(*Sophia acompanha Christiano até ao fundo; Ricardo olha em roda com desalento.*)

SCENA XI

RICARDO e SOPHIA

Ricardo — Aconteceu o que temia tanto...

Sophia — Quem sabe se não será assim melhor!...

Ricardo — Melhor, Sophia!.. ter de voltar á existencia de contradições, abdicar os meus mais caros desejos!..

Sophia — Para que disseste então que sim?

Ricardo — Por cobardia. Quando a minha missão é tão grande, tão desinteressada e tão util, tive medo de matá-lo e que me chamassem assassino. Escrupulos piegas, não te parecem, em face d'esta necessidade e da nobreza do que me propunha?

Sophia — Não somos nunca senhores de nós.

Ricardo — Não, é certo. Nunca apprendemos a conservar-nos integros na nossa reflexão, em meio dos factos e dos sentimentos. — Mas o que te fez a ti suppôr que se elle permanecesse longe d'aqui, a sua vida seria mais longa?

Sophia — E' um mysterio.

Ricardo — Um mysterio!? .. (*Sophia põe um dedo na bôca a indicar silencio.*) Um mysterio!?... (*Sophia affirma com o gesto. Ricardo implorativo.*) Desejo sabê-lo; dize. Dize...

Sophia, *chegando-se a Ricardo; com voz surda, a medo* — Não posso... Mas hontem fallei com elle...

Ricardo — Tu!?...

Sophia — E ouvi as suas palavras...

Ricardo, *surpreso* — Ah!... Para quê?

Sophia — Não nos deixava a casa, constantemente a rondar lá por fóra; e como tive receio que o visses, fui pedir-lhe...

Ricardo — Oh! Sophia, quem te ordenou a ti?...

Sophia — Não queria que te affligissem.... Vês comtudo?... Hoje enviou o irmão, amanhã viria elle mesmo; e nunca conseguirás ter socêgo... Foi por isso que não estimava que o mandasses embora...

Ricardo, *com impeto* — Mas que importa afinal que me afflija, se levasse ao cabo a minha tarefa!?

Sophia — E' que a lutar assim comtigo mesmo e com os outros, ficas incapaz para tudo...

Ricardo — Sim, sim; miseravelmente não posso expelli-lo do pensamento, menos ainda do coração; e bastou que o outro viesse, dizendo-me aquellas coisas, que reconheço sem fundamento, para que sinta quebradas as mais serias resoluções. O perigo a que pretendia livrar os filhos, percebo-o activo em mim, sem em mim conseguir evitá-lo.

Sophia — Não te contristes demasiado; talvez o dia de amanhã...

Ricardo — Ha de ser como todos os outros. — Não. Não como estes ultimos tão suaves. Acabou-se a felicidade e os sonhos dourados que imaginámos! O nosso viver amoroso, tão alto como as serenas montanhas, tão inexgotavel como o puro mar, profundo como o ceu infinito, para sempre desapareceu. (*Olhando como allucinado.*) Elle deve estar a transpôr aquella porta; e de novo vou sentir cá dentro arder a revolta sopeada, a inquietação pavorosa do seu querer, ouvir a sua voz exprobante, vêr o seu olhar descontente, experimentar uma

anciedade infantil, um mal-estar panico que leva á fuga, uma perplexidade dolorosa ante as situações que elle cria e os actos de cada um de nós. Eu que tenho energia para tanta coisa, para esforçar-me e ganhar, para abraçar-te e te dar beijos — não ter energia para lutar com um pae!...

Sophia — Não desespere que cedo ou tarde mandarás aqui.

Ricardo — Quando fôr velho como elle, quando tiver por dever calar-me ante a razão de meus filhos!

Sophia, *escutando* — Schiu, Ricardo! parece-me que elle vem...

Ricardo — Receia perder o minimo instante da sua absoluta dominação.

SCENA XII

OS MESMOS e AFFONSO

(Affonso apparece entre portas ao fundo, com um olhar soturno mirando em volta. E' corpulento mas muito alcinado; tem o cabello todo branco e uma barba espessa e comprida, egualmente branca. Não se move. Ricardo tambem parece petreficado.)

Sophia, *num aceno brando, depois de pausa* — Entre nesta casa, que é sua... *(Reparando no olhar de Affonso.)* Acha-a talvez mudada... Dei-lhe outra disposição para conveniencia do Ricardo...

Affonso — Na verdade desconheço isto; e não sei se me reconhecerão...

Ricardo — Pae!...

Affonso, *avançando um pouco* — Entendes que sou teu pae?... Julgava que era um velho sem familia.

Sophia — O! meu sogro! que lucra em avivar dores antigas?

Affonso — De hoje são apenas... Teem por cá o esquecimento facil.

Ricardo — E não é melhor esquecer os agravos que se repáram?...

Affonso — Estás bem certo que se reparem?

Ricardo — Para si não ha perdão?...

Affonso — Continuas resolvido a zombar da fraqueza d'um velho...

Ricardo — Eu zombo por ventura?

Affonso — Fallando-me em perdão como se te compenetrasses do delito, vejo através dos teus olhos que tens a alma mais sêca do que uma charneca.

Ricardo, *com colera contida* — Disse ao tio que o mandasse subir, recebo-o com humilhação para mim, e ainda não acha bastante!

Affonso — Pois se crês que te fico em divida por tantas generosidades, posso voltar para onde vim...

Ricardo — Que tortuosidades indignas!

Affonso — São essas as melhores palavras que te occorrem, depois da prova tão dura porque acabo de passar? (*Ricardo manifesta impaciencia.*)

Sophia — Vamos! lance a benção a seu filho e conceda-lhe o perdão que elle pede, que sinceramente lhe pede.

Affonso — Nunca o neguei a ninguem, mesmo aos que mais me offendêrão...

Sophia — Porque hesita então?... (*Pega-lhe por um braço e condu-lo junto a Ricardo.*)

Affonso — E' que meu filho...

Sophia — Fação as pazes.

Ricardo, *beijando a mão a Affonso* — Acredite que não padeceu mais do que eu tambem pade-ci.

Affonso, *abraçando Ricardo* — Hum! Ignoras quanto custa a deixar a vida sem conservar até ao fim os nossos...

Sophia — Já tudo passou...

Affonso, *a Ricardo* — O desrespeito que me mostraste, demais a mais deante dos netos, não me sae da lembrança um momento.

Sophia — Mas não será agora mais natural pensar que voltou para junto de nós e que o resto foi apenas um sonho? diga?..

Affonso — Os pequenos teem fallado em mim?

Sophia — Varias vezes.

Affonso — Onde estão elles que quero beijá-los e contar-lhes uma historia, d'essas que ouvi em creança...

Ricardo, *vivamente* — Oh! não, não.

Affonso, *severo* — Não!?... Porquê?...

Sophia — Eu chego a vêr se não adormecêrão ainda, para lhe darem as boas noites. Mas depois, como estas agitações todas nos hão-de trazer fatigados, é melhor ir socegar...

Affonso — Os teus filhos tambem, antes de conversarem com o avô?

Sophia — Esses por outras razões — afim de se levantarem bem dispostos amanhã... Entretanto toma primeiro alguma coisa, não?

Ricardo — A Marianna vae-lhe arranjar... (*Chama para dentro.*) Marianna!

Affonso — A unica coisa que peço, é a minha grande chavena de café...

Sophia — E isso não lhe tira o somno?...

Affonso — Tenho tempo de dormir... Quero que a noite do meu regresso, seja aqui uma noite de festa.

SCENA XIII

OS MESMOS e MARIANNA

Ricardo, *a Marianna* — Meu pae deseja tomar café...

Marianna — E' um instante emquanto se faz.

Sophia, *abrindo a porta fundo direita; a Affonso* — Entre para a casa de jantar... eu vou acordar as creanças...

Affonso — Dize ao Victor que lhe trago uma espada e á Virginia uma imagem de Santa Catharina, verás como logo esperto. (*Rindo.*) Eh! eh! (*Sae.*)

SCENA XIV

RICARDO, SOPHIA e MARIANNA

Ricardo, *a Marianna* — Por que esperas?

Marianna — Que a senhora me entregue as chaves...

Sophia — Não me recordava... (*Procura-as na mesa de costura.*)

Ricardo, *como acima* — Ah! é verdade... Dá-me essa carta de ha bocado. (*Marianna tira-a do bolso e apresenta-lh'a, emquanto Sophia lhe estende as chaves.*)

Sophia — A carta!

Ricardo, *que foi á secretária buscar a outra*).
 — E' esta que deves deitar na caixa.
 Marianna — Sim, meu senhor. (*Sae.*)

SCENA XV

RICARDO e SOPHIA

(*Sophia fica suspensa um instante; Ricardo contempla a carta que tem entre os dedos, e rasga-a depois lentamente.*)

Sophia, *approximando-se por trás d'elle e pondo-lhe as mãos nos hombros* — Ricardo, para que fizeste isso?

Ricardo — Acabou-se o ideal; voltamos de novo á realidade e não devem restar vestigios do devaneio d'um momento.

Sophia — Nem ao menos uma esperança?...

Ricardo — Se eu não houvesse experimentado, ainda poderíamos fantasiar... mas assim... Que infelicidade ter tentado!...

Sophia — Tambem não. Foi bom que lutasses para medir as tuas fôrças.

Ricardo — Mas de tudo isto nada resultou senão um desanimo mais pungente!

Sophia — Quem o ousará afirmar?... Cuidas que *elle* voltará a ser o mesmo — precisamente?...

Ricardo, *fitando os olhos nos d'ella* — Ainda crês?...

Sophia — Hoje mais do que nunca.

Ricardo — Que extraordinaria que tu és!...

Sophia — Sou mulher...

Ricardo — Pensas justo talvez no fundo. Nunca se está tão perto da vitoria como depois da derrota — quando se possui alma forte.

Sophia — E comtudo partes?..

Ricardo — A America é uma patria esplendida onde existem grandes paizes, sem tradições...

Sophia — Mas os filhos, quem os educará?

Ricardo — Tu, minha amada *Sophia*.

Sophia — Julgas que seja capaz? ..

Ricardo, *em voz muito baixa* — E's no fim de contas a unica, que tem poder para guerrear e vencer o velho.

Sophia — Que confiança agora pões em mim!

Ricardo — Só muito tarde a apprendi.

Sophia — E não andarás enganado?

Ricardo — Quanto a isso parece-me cedo para discuti-lo. Todavia tu és de tal maneira penetrante, tens ás vezes taes pensamentos, conheces já hoje tanto!... (*Com enthusiasmo apertando-lhe as mãos.*) Tu, tu é que és a natural educadora de meus filhos — a sua mãe!...

Sophia — Nunca me disseste essas coisas...

Ricardo — As ultimas lutas de interêsses teem-me aclarado a intelligencia. — Virá um dia, em que no espirito das creanças, *elle* será impotente pelo teu vigoroso amor — atrevo-me a presagiar..

Sophia -- Mas até lá?...

Ricardo — Até lá... enquanto o avô aqui estiver, saberás furtá-las quanto possivel ao seu tenebroso contacto...

Sophia — E depois?...

Ricardo — Depois... (*num estrangulamento*) elle ha-de morrer... e tu ficarás ainda para ser a perceptora unica dos mais novos, quando eu proprio desapareça — ainda e sempre...

Sophia — Sempre!?... Até que me suma também.

Ricardo, *afastando-lhe os cabellos da testa, tomando-lhe a cabeça entre as mãos e fitando-a com toda a ternura* — Quem, tu?... Tu não morrerás.

Sophia — Que illusão, Ricardo!

Ricardo — É' uma estranha inspiração, que me surprehende muitas vezes ao vêr-te...

Sophia — De que serei immortal?...

Ricardo — Sim. Olha para os nossos filhos! Não parecem o teu vivo retrato?... o sangue melhor do teu sangue, a carne da tua carne?... Uma mãe fecunda como tu, pode transformar-se mas não morre.

Sophia — Sonhos, sonhos em que nos estamos a perder!

Ricardo — Oh! minha amiga, são as ultimas despedidas de quem te deixa para seguir a concreta riqueza. É' o adeus das minhas esperanças que ponho em ti como na mais pura.

Sophia — Pobre marido!

Ricardo — Pobre vencido! (*Ficção por momentos extaticos um para o outro.*)

Sophia, *desprendendo-se* — E as creanças!?... (*Dirige-se á porta do quarto dos filhos, que abre.*) — Que bem que dormem — tão ingenuos! (*Contempla-os.*)

SCENA XVI

Os MESMOS e AFFONSO; VICTOR e VIRGINIA (*dentro*)

Affonso, *apparecendo ao fundo direito* — Disseste-lhes?...

Sophia — Não faça bulha.

Afonso, *indo tambem espreitar* — Como hão-de ser formosos! Como hão-de ser formosos!

Sophia — E rijos tambem... Não vê aquelles bracitos?...

Voz de Victor — Avô, meu avô!

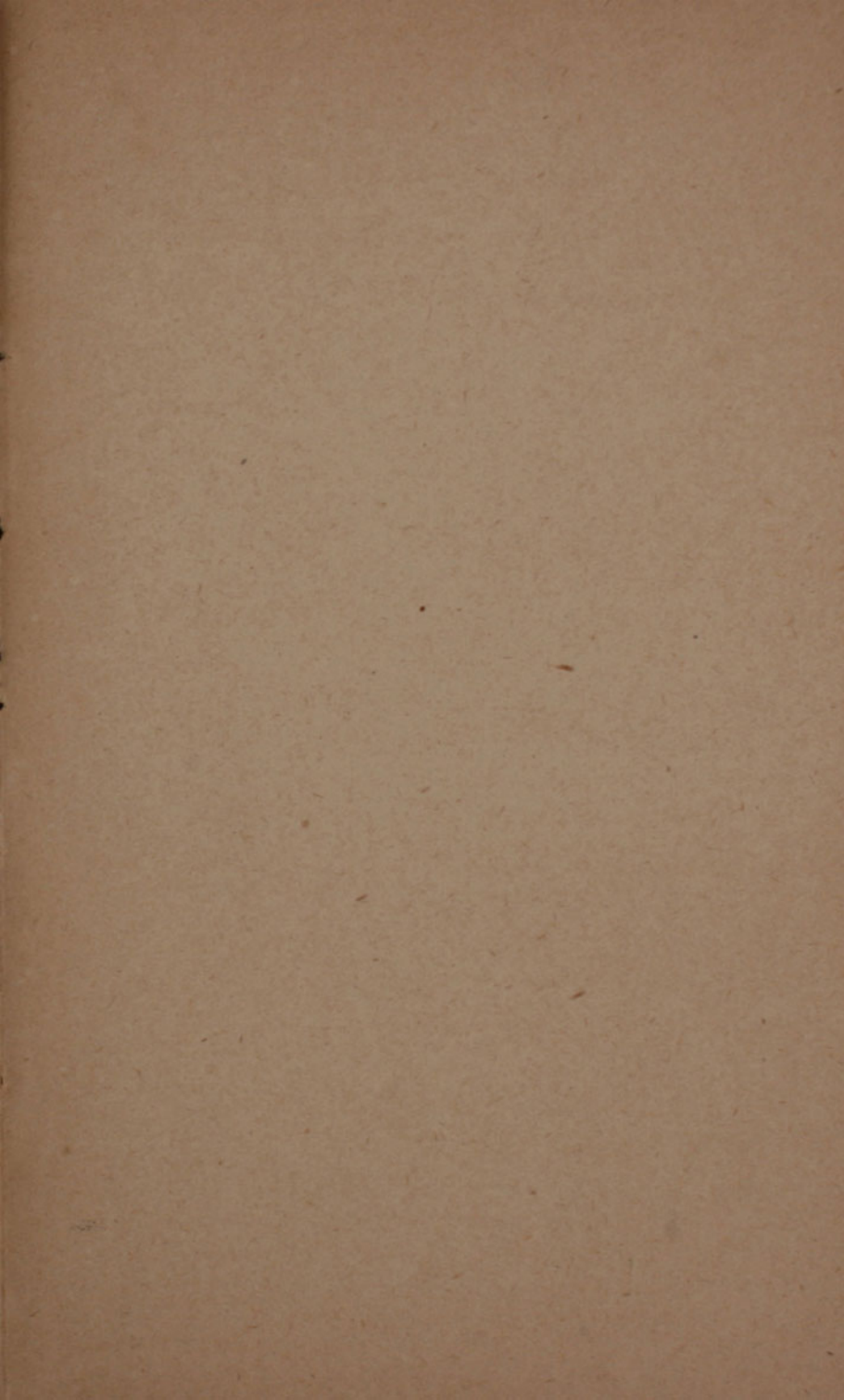
Voz de Virginia — Avôzinho.

Afonso, *entrando* — Netos da minha alma!
(*Sophia segue-o.*)

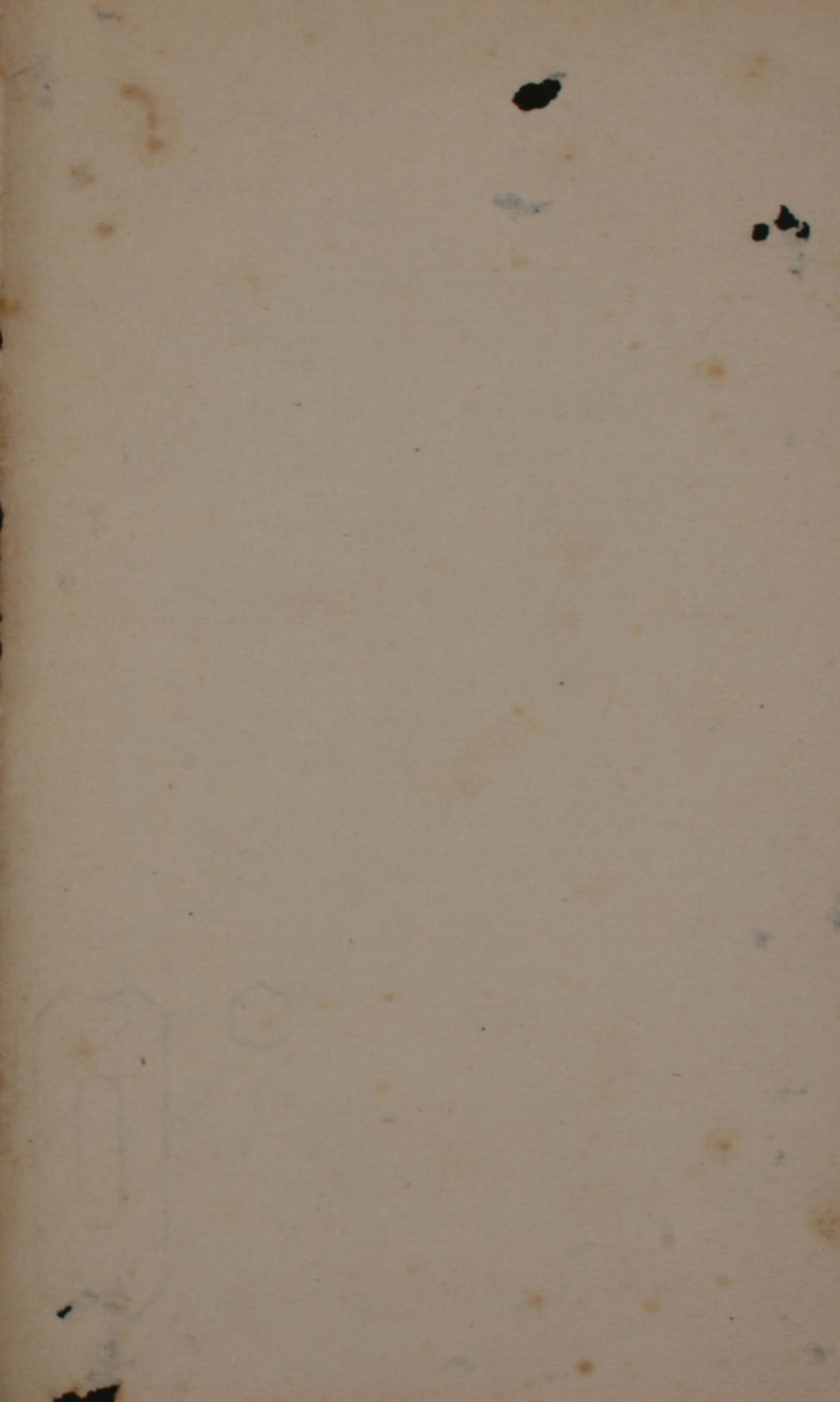
Ricardo, *aponta para a porta, deixando depois pender o braço num gesto de grande desalento*
— Já lhe pertencem!...

CAE O PANN0









LIVRARIA CENTRAL
DE
Gomes de Carvalho
158, Rua da Prata, 160
LISBOA

O Clero. A destruição do inferno e a sua restauração, por Leão Tolstoi, trad. de M. Garção. 1 vol.	200
Arvore do Natal. Contos para creanças, por Zuzarte de Mendonça, com carta-prefacio do Padre Senna Freitas, 1 vol.	200
Casal do Caruncho. Contos por Eduardo Perez, superiormente illustrados por José Leite, 1 vol. ..	600
Os Exploradores da Lua, por H. G. Wells, traducção de Olympio Monteiro, 1 vol.	600
A giria portugueza. Esboço de um dictionario de <i>calão</i> , por Alberto Bessa, com prefacio do dr. Theophilo Braga, 1 vol. br. 500, enc.	700
Heroes Modernos. Allegoria social. Poema de analyse e critica á vida contemporanea, por Affonso Gayo, 1 vol. primorosamente illustr. por José Leite	1 700
A impotencia sexual no homem e na mulher, pelo Dr. W. A. Hammond, trad. de J. A. Bentes. 1 vol.	600
A imprensa em Portugal. (Notas d'um jornalista) por França Borges	100
Ladeira acima. Versos por Cesar Porto, 1 vol.	500
A mentira religiosa, por Marx Nordau, traducção de Affonso Gayo, 1 vol.	100
A mulher de luto. Processo ruidoso e singular. Poema por Gomes Leal, 1 vol.	500
A Nova Phase do Socialismo. Ensaios de propaganda e critica, por João de Menezes, 1 vol.	200
Pão para a bocca. Origem do Mal, por Léon Tolstoi. Traducção de Affonso Gayo, 1 vol.	100
O que é a religião? por Léon Tolstoi. Traducção de Heliodoro Salgado, 1 vol.	200
Razão, fé, oração. Tres cartas de Léon Tolstoi, trad. de Marianna Carvalhaes.	100
A Razão d'um Padre. <i>O bom senso do cura Meslier.</i> Trad. de M., com uma noticia de F. Borges, 1 vol. ..	500
Revista Nova. Collaboração dos mais promettedores talentos da actual geração litteraria, 1 bello vol. esplendidamente illustrado.	800
Sem passar a fronteira. Viagens e digressões pelo paiz, por Alberto Pimentel, 1 vol.	500
Vienna d'Austria e a sua côrte, por Victor Tissot. Traducção de Alfredo Gallis, 2 vol.	1 700